



XXXI Congresso de  
Iniciação Científica  
Unicamp

2023



## **Os conceitos e as abordagens de práticas de leitura e leitura de literatura na série Ideias da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE).**

**Palavras-Chave:** Leitura, literatura, série Ideias.

**Autor(as):**

**GABRIELE FERNANDA CUSTÓDIO, FE – UNICAMP**

**Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. CLAUDIA B. DE C. N. OMETTO (orientadora), FE - UNICAMP**

---

### **INTRODUÇÃO:**

Este projeto está vinculado à linha de pesquisa “Linguagem e Arte em Educação”, do Grupo Alfabetização, Leitura, Escrita e Trabalho Docente na Formação de Professores – ALLE/AULA, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e, mais especificamente, a um projeto coordenado pela orientadora desta proposta. A presente pesquisa foi pautada na Série Ideias<sup>1</sup> da Fundação de Desenvolvimento para Educação (FDE), criada pela Secretaria do Estado de São Paulo para implantação de políticas públicas. Tivemos como objetivo específico identificar no material do período de 1988-1998 as concepções e abordagens práticas de leitura e leitura de literatura a fim de indagar pelos modos como essas produções mediaram a formação de professores, mais especificamente, professores que consolidaram sua formação naquele período e que hoje atuam nas escolas e salas de leitura. Pretende-se compreender também como, a partir dos referenciais teóricos desenvolvidos no material, sugere-se o desenvolvimento de práticas de leitura (literária) a serem implementadas em sala de aula.

Nos preocupamos, durante o decorrer da presente Iniciação Científica, com uma concepção de estudos da leitura entendendo-a como cotejamento de textos, uma vez que “toda palavra (todo signo) de um texto conduz para fora dos limites desse

---

<sup>1</sup> O material é de acervo pessoal da orientadora desta pesquisa e mais informações sobre ele podem ser encontradas em <<https://www.fde.sp.gov.br/PagePublic/Interna.aspx?codigoMenu=253>>

texto” (BAKHTIN, 1997, p. 404). Ou seja, partimos da defesa do ensino de literatura baseado na perspectiva histórico dialética. Dessa forma, num primeiro momento foram levantadas as leituras no material que pareceram relevantes ao tema e em seguida a discussão dessas, a partir das nossas preocupações com a promoção da leitura de literatura não mecânica, técnica e utilitária, compondo uma prática apontada por Camilo (2015) de reproduzir o que consta no texto utilizando o livro didático como fim, não meio de reflexão e transformação da realidade. Assim como proposto por Mortatti:

Nesse sentido, o que interessa é buscar formas e técnicas novas para motivar a leitura sem que se discuta quem, como, o que, para que e por que se lê; sem considerar que a luta pelo acesso à cultura faz parte da luta de classes, que cultura é um conceito histórico e mutável e que leitura envolve uma complexidade de modos, métodos e objetos. (2018.p.20)

Logo, a partir das leituras selecionadas buscamos a elucidação de que a “leitura é sempre produção de sentido.” (GOULEMOT, 1998, p.107) de forma a atingirem suas potencialidades como literatura de aspecto artístico, temporal e cultural. Como defendido por Daibello (2020) ao falar das práticas de leitura de literatura em sala de leitura.

## **METODOLOGIA:**

Das 32 (trinta e duas) edições do material da Série Ideias produzido entre o período de 1988-1998, foram selecionados a partir dos títulos dos fascículos, 14 (quatorze) para leitura. Os artigos desses fascículos foram divididos entre os temas: Currículo, projetos e formação; Leitura e Leitores; e Leitura e Literatura.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

A temática do currículo, projeto e formação rendeu artigos e discussões principalmente referentes às práticas escolares em relação à leitura e leitura de literatura. Por isso sentimos a necessidade de assumir uma posição de argumento da perspectiva histórica dialética. Dessa forma, buscamos referências como Smolka (1988) e Geraldi (1981), que fazem defesa de um ensino de leitura e de linguagem, assim, um processo de alfabetização, de produção de sentidos, assumindo uma concepção de linguagem como interlocução que produz sentidos para e em um sujeito que não é uma tábula rasa. Compreendem, então, a sala de aula como dialógica e

local de circulação de sentidos. Tratando a literatura com o cotidiano, não se afastando da cultura popular.

Também foi possível dialogar com os artigos lidos no sentido da busca por uma prática de reflexão da realidade e desta forma, a transformação dela. Além de pensar nos ‘alunos felizes’ a partir de Snyders (1993) que argumenta sobre os alunos individualmente e subjetivamente transformam as obras em comunicação com os textos e aprendem a ter satisfação com a busca de conhecimento.

Sobre a temática de Leitura e Leitores, nos foi possível pensar mais sobre a formação de leitores, ainda em diálogo com as práticas pensadas acima. De início foi levantada a questão da alfabetização e a importância de ser uma prática libertadora de construção coletiva e dialógica. Houve também, a partir de Machado (2002) a questão da defesa do acesso ao objeto de saber – livros – e aos clássicos como possibilidade de ocupar espaços destinados a opressores.

Também recuperamos Smolka (1988) para pensar em um trabalho alfabetizador que implica em interlocução. A autora propõe que a partir de exemplos, as crianças comecem a assumir o papel social de leitor/ escritor e compreendam melhor como formar seus textos. Nos foi também necessária a argumentação da literatura para crianças pequenas porque um dos artigos criticava esta prática. Segundo Abramovich (1994) as crianças ao ouvirem histórias ou criarem por si mesmas a partir de ilustrações, são estimuladas a imaginação, escrita, pintura e criam memórias afetivas e prazerosas ligadas à leitura que levarão para toda a vida.

O último eixo da presente Iniciação Científica tratou finalmente da leitura e literatura e os temas discutidos iniciaram-se na reflexão sobre os problemas e dificuldades do trabalho com literatura em sala de aula. Entre eles, os mais mencionados vão no sentido do didatismo literário, moralização proposta pelas leituras aos pequenos e a chamada pedagogia da facilitação, termo utilizado por Mortatti (2018). Assim sendo, abraçamos a argumentação do problema do trabalho com literatura ser relativo ao não uso para aumento da potência criativa infantil.

Sabendo disso, buscamos leituras de Vygotsky (2018) no livro ‘Criação e imaginação na infância’ para defesa e entendimento da imaginação como constituindo-se da realidade, a partir do contato com obras artísticas, ficcionais e poéticas, fundando a criatividade, que por sua vez trabalha a ativação de memórias, observação e inspiração, levando a criação. Em relação ao trabalho criativo na sala

de aula com as crianças, o autor completa: "O importante é que criam, compõem, exercitam-se na imaginação criativa e na encarnação desta imaginação." (p.100.2018). A partir daí, foram levados em conta a dimensão artística e cultural da literatura, colocando que tal objeto leva a melhor compreensão por parte das crianças sobre si e seu entorno, também defendendo que o professor ao contar, ler histórias, deve ser cativante, suscitando o imaginário, lhes dando vontade de produzir textos e desenvolvendo a função simbólica, criando significados.

Por fim, buscamos também trazer Azevedo (2004) para discussão com a finalidade de salientar que não é simples se apaixonar pela leitura literária e constituir-se sujeito leitor. Muitas vezes idealizamos a literatura mas é necessário recordarmos que ela precisa ser uma troca afetiva individual entre pessoa e texto. Para isso, vem a defesa da literatura em seu caráter mais artístico e imaginativo com os gêneros poéticos e ficcionais, que são subjetivos e flexíveis para além do lógico didático.

## **CONCLUSÃO:**

Grande parte dos artigos levantados para pesquisa estavam de acordo com a nossa concepção das práticas de linguagem interlocutiva e interacionista crítica, preocupada com a promoção de uma sala de aula lúdica, significativa e de acordo com a cultura local. Um artigo ou outro, no entanto, por conta da forte presença da perspectiva construtivista na alfabetização, trouxe a necessidade de argumentação e defesa do interacionismo provocador de alunos criativos e transformadores da realidade.

Encontramos também várias oficinas e propostas feitas pela FDE, importantes e interessantes, grande parte delas em diálogo com a concepção dialógica e para formação afetiva de futuros leitores pela escola. Fugindo do caráter utilitário e não inspirador da literatura. Nas palavras de Abreu:

Aquilo que os discursos convencionais de leitura ensinam, até mesmo para os professores, é que há leitores de segunda categoria, assim como há cidadãos de segunda categoria: aqueles que não falam a língua da escola [...] Esquece-se de que a leitura não é prática neutra, que no contexto de um leitor com o texto (assim como autor com texto) estão envolvidas questões culturais, políticas, históricas e sociais. (2001.p.155)

Portanto, fica a defesa da leitura de literatura em sua prática mais ampla: cultural e de acesso a um acervo amplo, possível de cativar de infinitas formas.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo. Scipione. 1997.

ABREU, Márcia. Diferença e Desigualdade: Preconceitos de Leitura. In MARINHO, Marildes. (org.) Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para literatura. in: Caminhos para formação do leitor. São Paulo. 2004.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CAMILO, T. M. As mediações da leitura por professores de um sexto ano do ensino fundamental na sala de aula. Piracicaba, 2015, 154 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba.

DAIBELLO, C. O. Leitura de literatura como experiência pessoal na escola: possibilidade de práticas em sala de leitura. Campinas/SP, 2020, 149p. Dissertação (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

GERALDI, J. Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. Cadernos da Fidene, 18. 1981.

MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro. Objetiva.2002.

Mortatti, Maria do Rosário. Entre a literatura e o ensino: a formação do leitor / Maria do Rosário Mortatti. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita: A alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez. Campinas, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

SNYDERS, Georges. Alunos felizes: reflexão sobre alegria na escola a partir de textos literários. Tradução Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1993.

VYGOTSKY, L. S. 1896-1935. Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico livros para professores. Lev Semionovitch Vigotski; tradução e revisão técnica: Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular. 2018.128 p.